



EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS

MASSAS

ORGAO DO PARTIDO OPERARIO REVOLUCIONÁRIO – MEMBRO DO COMITÊ DE ENLACE PELA RECONSTRUÇÃO DA IV INTERNACIONAL

Manifesto ao 1º de Maio de 2011

Aos trabalhadores e à juventude oprimida

Que o 1º de Maio de 2011 se coloque sob as bandeiras:

Combater a ofensiva mundial do imperialismo

Apoiar os levantes revolucionários no Norte da África e Oriente Médio

Pôr em pé uma oposição revolucionária ao

governo do PT/PMDB/PDT/PSB/PCdoB

Empunhar um programa de defesa da

vida das massas que se dirija a destruir o

capitalismo pela revolução proletária

Para o Partido Operário Revolucionário (POR), não há dúvida de que em todo o mundo o 1º de Maio deve estar voltado para o movimento das massas exploradas árabes, que pagam com sangue a luta pela derrubada das ditaduras e monarquias. A revolta na Tunísia foi um estopim que fez explodir sublevações e movimentos que objetivamente se chocam não apenas com os regimes autocráticos da feudal burguesia árabe, mas também com a dominação imperialista.

A intervenção das potências, liderada pelos Estados Unidos, para impedir a derrocada dos Estados policiais árabes e bloquear o desenvolvimento das revoluções democráticas é a prova mais evidente de que a luta de classes e nacional entrou em uma nova etapa com a crise mundial. Na Tunísia e Egito, sob a bandeira da democracia e da paz social, o imperialismo tomou a iniciativa de remover os ditadores, de estabelecer uma transição controlada pela feudal-burguesia, de cooptar uma parcela da oposição pequeno-burguesa e de abafar o levante.

Na Líbia, a situação de guerra civil o obrigou à ação militar. O cerco marítimo e aéreo do País modificou completamente o conflito interno. Estabeleceu que a derrubada de Kadafi será obra da invasão militar pela coligação dos Estados Unidos, Inglaterra e França. O que obriga o proletariado mundial a rechaçar a intervenção e a defender que a nação oprimida volte todas as armas para derrotar os invasores.

No Bahrein e Iêmen, a intervenção segue a linha imposta ao Egito. A Arábia Saudita e Jordânia conseguiram limitar as manifestações. São monarquias que servem ao imperialismo para concretizar sua estratégia geral de quebrar as sublevações, de conservar as bases centralizadoras dos re-

gimes e manter o domínio das potências em toda a região.

A tempestade social que se armou desde a Tunísia breudou a ofensiva dos Estados Unidos contra o Irã. As condições para uma guerra invasora ao país persa, como a do Iraque e Afeganistão, estavam e estão em estado adiantado de preparação. Sob o impacto dos acontecimentos árabes, o confronto de Israel com os palestinos de Gaza foi retomado. E, nesse exato instante, a ONU e a França usam a força internacional imperialista para decidir o choque entre facções da classe dominante da Costa do Marfim.

Estamos diante de rebeliões das nações oprimidas contra os velhos e novos colonialistas que assumiram a forma do capital financeiro, dos monopólios industriais e comerciais. Rebeliões contra os regimes entreguistas da feudal-burguesia, que põem à tona a opressão de classe e nacional.

O ataque militar contra as forças do governo de Kadafi expressam as tendências bélicas da crise capitalista e os métodos de dominação do imperialismo sobre as nações oprimidas. O imperialismo assumiu plenamente o intervencionismo, impulsionado pela retomada da crise estrutural do capitalismo e facilitado pelo retrocesso do movimento revolucionário mundial. Retrocesso que se iniciou com a vitória de Stálin na ex-União Soviética contra a Oposição de Esquerda trotskista, se consolidou com a destruição da III Internacional e se aprofundou com o processo de restauração burguesa nos países em que triunfaram as revoluções proletárias.

Está aí por que o grande problema do movimento democrático revolucionário das massas árabes está na ausência dos partidos comunistas, marxistas-leninistas- trotskistas e da IV Internacional. A III Internacional foi liquidada e a IV

não se construiu fisicamente no seio do proletariado mundial - vive no Programa de Transição.

A bandeira da **autodeterminação dos povos** somente pode ser empunhada pelo proletariado organizado e pela maioria oprimida. A revolução democrática contra as ditaduras e a feudal-burguesia árabe não tem como triunfar a não ser sob a direção do proletariado organizado em seu partido, portanto, como parte da revolução socialista. Mas as experiências das massas permitem à sua vanguarda colocar-se perante a tarefa de retomar o marxismo-leninismo-trotskismo e trabalhar pela superação da crise de direção. É o que o **Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional** faz na Bolívia, Brasil e Argentina. Trata-se de se ampliar a outros países.

O mesmo entrave vivido pelos levantes árabes se passa com o movimento operário na Europa. O velho continente, marcado por vigorosa tradição revolucionária, vem sendo estremecido pela desintegração do capitalismo. Não por acaso, a França retoma o expansionismo imperialista, saindo da sombra dos Estados Unidos para praticar abertamente o intervencionismo. As lutas grevistas contra as medidas antipopulares dos Estados europeus e contra o aumento do desemprego colocam as respostas operárias imediatas, mas também a necessidade do programa da revolução social.

São sintomáticas as manifestações moleculares e a enorme mobilização do funcionalismo em Wisconsin nos Estados Unidos. A burguesia norte-americana está obrigada a ir fundo no ataque à vida dos explorados. Podemos esperar um recrudescimento da luta de classes na maior potência.

A América Latina vem sendo pintada de rosa pela burguesia brasileira. Mas as constantes mobilizações populares na Bolívia, os conflitos no Peru, as mobilizações na Argentina e agora no Brasil com as greves operárias nas obras do Plano de Aceleração e Crescimento (PAC) do governo Lula/Dilma perturbaram a letargia imposta pela política de conciliação de classes.

A burguesia latino-americana não está tão segura da estabilidade econômica dos últimos anos de recuperação, que parecia perdurar por muito tempo. Certamente, em nenhum outro país as massas têm respondido tão prontamente aos ataques do governo burguês como na Bolívia. O país andino está amadurecido para a revolução e conta com um partido temperado na luta de classes – o **Partido Operário Revolucionário boliviano**. A tendência geral é de aumentar a atividade política dos explorados.

O nosso atraso tem a ver com o bloqueio construído pelo reformismo petista e por aliados que se vestem de esquerda, do comunismo e mesmo do trotskismo. As tendências grevistas dos assalariados, o movimento camponês dos sem-terra e as mobilizações estudantis que se manifestaram no fim da ditadura militar e que se projetaram nos anos seguintes foram canalizados para levar o caudilho Lula ao poder. Estatizaram-se os sindicatos, sob a direção da burocracia autoritária. Cerraram a evolução do proletariado brasileiro que caminhava para uma política de independência de classe. E isolaram o movimento camponês em reivindicações corporativas e dependentes do Estado. O estatismo

sindical e o corporativismo camponês serviram de sustentação ao governo burguês de Lula, que governou em função do grande capital.

A eleição de Dilma Rousseff expôs a submissão do PT e de sua burocracia sindical a grandes grupos econômicos. Nos cem dias do novo governo, evidenciou-se que a coligação PT/PMDB/PDT/PSB/PCdoB responde à virada direitista de Dilma. Alinhou o Brasil atrás do imperialismo norte-americano, determinou uma diretriz econômica de contenção das reivindicações dos explorados e colocou a polícia especial contra os grevistas nas obras do PAC. O aprumo pela direita expressa as tendências da crise mundial e a volta no Brasil dos desequilíbrios econômico-financeiros. A intransigência de Dilma diante das Centrais que a apóiam em conceder um mísero salário mínimo de R\$ 580, reajustando-o abaixo da inflação no valor de R\$ 545, foi um sinal ao grande capital de que fará um governo de ataque à vida das massas.

A central de esquerda CSP-Conlutas e Intersindical se negaram a levantar a bandeira de salário mínimo vital e fizeram a concessão de propor um valor muito abaixo das reais necessidades da família assalariada. Mesmo assim, mostraram-se incapazes de fazer uma campanha operária e de massa. Mostraram-se, portanto, submetidas às ações parlamentares e às manobras políticas da grande burocracia da CUT e da Força Sindical.

Ao contrário, o POR convoca a militância classista e revolucionária a trabalhar por um programa de reivindicações que defenda de fato a vida dos explorados, cujos pilares são a **erradicação do desemprego, da miséria, da fome e do analfabetismo, por meio da implantação do salário mínimo vital, da escala móvel de reajuste, da escala móvel das horas de trabalho, fim do trabalho terceirizado, do controle operário da produção, nacionalização das terras e entrega aos camponeses pobres. Essas reivindicações correspondem à tarefa histórica de expropriar a burguesia por meio da revolução e ditaduras proletárias.**

É com esse programa e com o método de ação direta da classe operária que os explorados exercerão uma **oposição revolucionária ao governo burguês pró-imperialista de Dilma Rousseff**. A melhor maneira de apoiar o movimento revolucionário nos países árabes conflagrados é organizar a luta em nosso país empunhando o programa de transição para o socialismo e construindo o *partido mundial da revolução, a IV Internacional*.

Viva o movimento revolucionário das massas árabes!
Abaixo as ditaduras da feudal-burguesia!
Defesa da autodeterminação dos povos!
Fim imediato dos bombardeios imperialistas à Líbia!
Por um programa de defesa da classe operária e dos demais explorados!
Constituir uma oposição revolucionária ao governo pró-imperialista de Dilma
Toda força à tarefa de construir o partido operário revolucionário!
Superar a crise de direção, reconstruindo a IV Internacional